

N O E M Á F A G O S

V A Z A N T E

Danilo de Athayde

O céu está baixando a voz. A luz
que ainda nos alcança, alcança grave,

como se cada mundo, ao se afastar,
falasse cada vez mais de dentro do peito.

O espaço engorda entre nós e as coisas,
e engorda mais depressa do que a luz

é capaz de atravessá-lo. Esta noite,
mundos inteiros passam, sem um gesto,

do ponto onde luz nova não nos chega.
De cada um já viaja a última luz,

que o caminho estica e vai gastando,
e atrás da última, em vez do escuro, o nunca.

Os que vierem tarde herdarão um céu
limpo como um teorema, uma ilha só,

nenhuma outra fogueira em todo o mar,
e instrumentos perfeitos confirmando

que sempre foi assim. Terão razão
com tudo o que puder ser conferido.

Terão razão, e estarão sós do modo
mais fundo que há, sem nem sabê-lo.

Lerão, no que deixarmos, que houve início
em brasa, e outras ilhas, e esta maré,

e hão de sorrir com a justa paciência
com que sorrimos hoje do elefante

que sustentava o mundo. O nosso fogo
será o elefante deles. E o método

que lhes ensinarmos mandará, sereno,
que duvidem de nós. E estará certo.

Nós viemos cedo. É todo o nosso mérito.
A casa ainda está morna do princípio.

Encosta a mão em qualquer ponto da noite
e a noite devolve um resto de febre.

Somos, por pouco tempo, contemporâneos
de quase tudo. A vista morre com o dono.

O que deixarmos dito há de chegar
sem a luz que o confirmava, escritura

e disparate, as duas coisas, conforme
a noite de quem ler.

E numa noite longe, alguém, curvado
sobre um vidro extremo, verá tremer

um ponto que não devia estar ali,
pequeno demais para valer o espanto.

Vai limpar a lente devagar,
e o que restava do lado de fora,

o resto todo, sai no pano,
junto com o pó.

E o céu, então, estará perfeito.